

A INFLUÊNCIA DAS ÁREAS VERDES DE USO PÚBLICO PARA A SAÚDE E O BEM-ESTAR DA POPULAÇÃO: ESTUDO DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DO PARQUE AUGUSTA, EM SÃO PAULO.

Nathalia Barbosa Alves (IC) e Luciana Monzillo de Oliveira (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O artigo discute a influência das áreas verdes de uso público, principalmente das grandes cidades, na saúde e no bem-estar da população. O processo de investigação partiu da problemática sobre o ritmo de vida acelerado dos grandes centros urbanos e suas consequências negativas sobre a saúde humana. O objeto de estudo selecionado é o Parque Augusta, inaugurado em 6 de novembro de 2021 e localizado no município de São Paulo. O referencial teórico constitui-se de estudos que permitem aprofundar a discussão sobre o argumento de que a qualidade ambiental dos espaços livres públicos incentiva a apropriação das áreas verdes pela população e consequentemente estimula a vivência social, contribuindo para a melhoria do bem-estar dos usuários. A pesquisa utilizou dos seguintes procedimentos metodológicos de Avaliação Pós-Ocupação (APO): seleção prévia das categorias de análise a partir do referencial teórico estudado; visitas ao Parque Augusta para levantamento de dados; cruzamento e análise dos dados obtidos e discussão dos resultados. Os resultados obtidos demonstram que a implantação do Parque Augusta, representou um marco para os residentes e visitantes da região, proporcionando um local de escape e relaxamento em meio à agitação da cidade. Com características que promovem a interação social e o contato com a natureza, o local se destaca como um valioso recurso para o bem-estar da comunidade.

Palavras-chave: Áreas verdes. Espaço Público. Bem-estar.

ABSTRACT

This article discusses the influence of public green areas, especially in large cities, on the health and well-being of the population. The research process started from the problem of the accelerated pace of life in large urban centers and its negative consequences on human health. The selected object of study is Augusta Park, inaugurated on November 6, 2021, and located in the city of São Paulo. The theoretical framework consists of studies that allow for a deeper discussion on the argument that the environmental quality of public open spaces encourages the appropriation of green areas by the population and consequently stimulates



social experience, contributing to the improvement of the well-being of users. The research used the following Post-Occupancy Evaluation (POE) methodological procedures: prior selection of analysis categories based on the theoretical framework studied; visits to Augusta Park to collect data; cross-referencing and analysis of the data obtained; and discussion of the results. The results obtained demonstrate that the implementation of Augusta Park represented a milestone for residents and visitors of the region, providing a place of escape and relaxation amidst the hustle and bustle of the city. With features that promote social interaction and contact with nature, the place stands out as a valuable resource for the well-being of the community.

Keywords: Green areas. Public space. Well-being.

1. INTRODUÇÃO

Em um cenário pós-pandemia, decorrente da proliferação da Covid-19, as cidades estão sofrendo profundas transformações nos campos da saúde, economia, cultura, relações sociais e principalmente na vida urbana, provocando reflexões e questionamentos sobre o modelo de cidade que poderá ser desfrutada no futuro. Entre esses novos rearranjos será necessário implementar novos meios de apropriação e convivência dos espaços públicos, parques e áreas verdes da cidade de forma segura, inclusiva e que melhorem a qualidade de vida da população. A sensação de bem-estar das pessoas diante da eminência de novas crises sanitárias poderá ser maior em áreas abertas, em seus próprios bairros, provocando maior demanda de novos pontos de encontro, assim como de áreas verdes, que permitam à população desfrutar de diversas atividades básicas, sem grandes deslocamentos.

Espaços ao ar livre se tornaram ainda mais atrativos, já que oferecem maior segurança se comparados com espaços fechados com relação a transmissão do coronavírus que possibilitou a consolidação do trabalho remoto e híbrido, formatos que alteram a dinâmica da mobilidade urbana e da ocupação dos escritórios, a valorização da vida ativa nos bairros tornou-se uma forte tendência que contribui para o uso saudável do espaço público, incentivando a vida ao ar livre. se comparados com espaços fechados. Durante o período da pandemia da Covid-19 que teve sua detecção, no fim de 2019 na China.e em 26 de fevereiro de 2020 no Brasil tem primeiro caso de coronavírus – e se encerrou em 5 de maio de 2023, quando o governo decretou o fim da pandemia, houve a consolidação do trabalho remoto e híbrido, ou modalidades que alteraram a dinâmica da mobilidade urbana e da ocupação dos escritórios.

Além disso, a valorização da vida ativa nos bairros tornou-se uma forte tendência que contribui para o uso saudável do espaço público, estimulando a vida ao ar livre. Esse incentivo, consolida a valorização do uso do espaço urbano para fomentar encontros, práticas de lazer e atividades físicas. Iniciativa que induz a convivência entre as pessoas e um estilo de vida mais saudável e colaborativo. Segundo o médico patologista e professor do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Dr. Paulo Saldiva:

A exposição à natureza está relacionada com a redução da pressão arterial e dos níveis de cortisol e adrenalina e com a variabilidade de frequência cardíaca. Esses efeitos positivos da natureza sobre a nossa saúde são resquícios da relação mais próxima que tínhamos com ela antes do processo civilizatório, quando o homem caçava, percorria grandes distâncias atrás de alimentos e não vivia em sociedade. Hoje, nós

modificamos a natureza de tal forma que essa ausência pode nos adoecer (Saldiva, 2021 in Santos, 2021, s/p).

Camila Brunelli (2020), jornalista pós-graduanda em Direitos Humanos e Responsabilidade Social, em uma entrevista ao Viva Bem, diz que o local da cidade em que se vive influencia demais na saúde e na qualidade de vida desses habitantes. O que se vê é que territórios mais carentes, de poucos ou quase nenhum espaço público, têm tendência a maior vulnerabilidade e ao desenvolvimento de doenças.

O estresse, por exemplo, é uma reação natural do organismo que ocorre quando vivenciamos situações de perigo ou ameaça. Esse mecanismo nos coloca em estado de alerta ou alarme, provocando alterações físicas e emocionais. O dia a dia na cidade, apesar de parecer um cenário normal para quem vive essa rotina, desencadeia situações que estressam as pessoas diariamente. Além disso, espaços públicos atraentes e seguros passaram a ser ainda mais valorizados.

Diante desse cenário, o objetivo da presente pesquisa é investigar e discutir a influência das áreas verdes de uso público na saúde e no bem-estar da população, principalmente nas cidades mais populosas e de maior densidade demográfica, como é o caso da cidade de São Paulo. O objeto de estudo selecionado é o Parque Augusta, oficialmente inaugurado em 6 de novembro de 2021 e localizado na zona central do município de São Paulo.

O Parque Municipal Augusta foi criado a partir da publicação da Lei nº 15.491 (São Paulo, Município, 2013), de 23 de dezembro de 2013, e teve seu nome alterado para Parque Augusta – Prefeito Bruno Covas, através da Lei nº 17.639 (São Paulo, Município, 2021), de 15 de setembro de 2021.

O parque está localizado na confluência da Rua Caio Prado, Rua Augusta e Rua Marquês de Paranaguá, na jurisdição da Subprefeitura da Sé e de acordo com o Art. 3º da Lei nº 15.491, já se previa que: “O referido parque terá como referência atividades relacionadas à prática de atividade física, educação ambiental e preservação da memória paulistana” (São Paulo, Município, 2013, p. 3).

A história da ocupação do local tem início em 1902, quando foi construído ali o Palacete Uchoa, projeto arquitetônico do arquiteto francês Victor Dubugras (1868-1933). Poucos anos depois, o palacete foi comprado pelas Cônegas de Santo Agostinho, para a instalação do tradicional colégio feminino particular Des Oiseaux. A construção foi então ampliada com a implantação de um edifício anexo projetado pelo arquiteto-engenheiro

alemão Maximilian Emil Hehl (1861-1916). Inicialmente a área do terreno era maior e englobava a porção atualmente pertencente à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, até esta fração ser desmembrada em 1971. Em 1962 o palacete Uchoa foi demolido e em 1967 as atividades do colégio Des Oiseaux foram encerradas e passou a sediar a escola Equipe Vestibulares e o Colégio Equipe. Em 1974, a edificação foi demolida e o terreno tornou-se um estacionamento na década de 1980 (Palacete, 2021).

O parque foi escolhido para o estudo de caso em função de sua área verde, pois tem aproximadamente 23.000 metros quadrados, sendo que parte do terreno abriga um bosque heterogêneo tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, através da Resolução 23/2004 (Conpresp, 2004). O parque também abriga usos que proporcionam atividades para os usuários de diferentes faixas etárias: parquinho inclusivo, espaço para os cachorros, equipamentos de ginástica, arquibancada, deck elevado para apresentações e eventos, trilha, redário, administração e sanitários públicos (Parque Augusta, 2023) (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Vista do Parque Augusta e edifícios do entorno.



Fonte: Acervo da autora, 2024.

Figura 2: Vista da área gramada do Parque Augusta e ao fundo a área verde tombada pelo CONPRESP.



Fonte: Acervo da autora, 2024.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os diversos problemas urbanos enfrentados atualmente, como a poluição do ar e da água, enchentes e ruídos em excesso, causam sérios prejuízos à saúde física e mental da população. Além disso, o aumento populacional e a expansão das cidades, aliados à falta de políticas públicas eficazes para ordenar esse crescimento e preservar as áreas verdes, têm

provocado uma redução significativa da vegetação urbana, tornando as cidades cada vez menos acolhedoras ambientalmente para a ocupação humana.

Para minimizar esses problemas, as áreas verdes têm sido um tema amplamente discutido na comunidade acadêmica por diferentes estudos (Mazzei; Colesanti; Santos, 2007) em diversas áreas. Esses estudos enfatizam os benefícios que as áreas verdes trazem para a saúde e o bem-estar da população urbana, partindo da premissa de que essas áreas, ao desempenharem funções ecológicas, sociais e de lazer, podem contribuir significativamente para a melhoria da qualidade ambiental e de vida da população.

As áreas verdes promovem tanto benefícios ambientais, como a conservação da biodiversidade, quanto benefícios sociais, como a democratização do acesso a espaços públicos de lazer. Dentro da sua importância ecológica é possível pensar nas áreas verdes como espaços de lazer público, uma vez que proporcionam diversas facilidades à população, como mirantes, quadras poliesportivas, áreas de estar, museus, bibliotecas e outras tantas instalações voltadas à promoção de cultura e arte.

Os parques urbanos também promovem um contato direto com a natureza e o meio ambiente dentro da cidade, influenciando nos níveis de qualidade de vida, bem-estar e estimulando uma consciência de educação ambiental prática. Eles junto com outras áreas verdes públicas ou privadas. (Almeida, 2024) Os parques são onde temos o nosso primeiro contato com ambientes naturais e estabelecemos vínculos importantes entre comunidade e paisagem e, também, de educação e transformação ambiental.

Os conceitos de qualidade ambiental e qualidade de vida são complexos e inter-relacionados. De acordo com Guimarães (1984), devido ao aumento da “consciência ecológica” provocada pelos problemas ambientais globais e pela degradação ambiental urbana, o conceito de qualidade de vida, comumente definido como o grau de bem-estar individual e em grupo, determinado pelas necessidades básicas da população (saúde, educação, moradia, renda) e pelas necessidades subjetivas do indivíduo e dos grupos sociais (Bravo; Vera, 1993; Vitte; 2009), tornou-se indissociavelmente vinculado ao conceito de qualidade ambiental (Guimarães, 1984). Este último, ao remeter à ideia de sustentabilidade do desenvolvimento humano, acabou por ampliar o conceito de qualidade de vida (Nahas, 2009).

No campo conceitual, a mescla desses dois conceitos, qualidade de vida e qualidade ambiental, é tão profunda que muitas vezes se torna difícil estabelecer se a qualidade de vida é um dos aspectos da qualidade ambiental ou se esta é um componente do conceito de qualidade de vida (Nahas, 2009).

Entre os aspectos fundamentais da qualidade ambiental encontra-se o sistema de áreas verdes, que é entendido como integrante do sistema de espaços livres. Esta idéia é sustentada também por Nucci (2008), que denomina as áreas verdes como um subsistema do sistema de espaços livres de construção, onde há predominância de áreas plantadas, cuja vegetação e solo permeável devem ocupar pelo menos 70% da área e ainda desempenhar função estética, ecológica e de lazer (Morero; Santos; Fidalgo, 2007) acrescentam ainda, que a distribuição dessas áreas deve servir a toda população, sem privilegiar qualquer classe social e atender as suas reais necessidades de lazer

Assim o espaço livre de construção é definido como espaço urbano ao ar livre, destinado a todo tipo de utilização que se relacione a recreação e ao lazer da população. Estes espaços podem ser privados, potencialmente coletivos ou públicos e podem desempenhar, principalmente, funções estética, de lazer e ecológico-ambiental (Loboda; De Angelis, 2005).

As diferentes funções, ecológica, estética e de lazer, desenvolvidas pelas áreas verdes amenizam as conseqüências negativas da urbanização e contribuem para a melhoria da saúde da população e do ambiente físico justificand assim a manutenção das mesmas no espaço urbano (Caporusso; Matias, 2008). Como função estética, pode-se considerar o que se refere ao belo, formoso e agradável; já a função ecológica diz respeito, dentre outras, à capacidade de redução dos materiais tóxicos particulados e sua incorporação nos ciclos biogeoquímicos, à manutenção do microclima, da fauna e das altas taxas de evapotranspiração; enquanto que a função de lazer refere-se ao descanso, ócio ou passatempo (Cavalheiro et al., 1999; Nucci, 2008).

Georg Simmel (1973) faz uma comparação entre o meio urbano e o meio rural, onde ele afirma que a vida em sociedades urbanizadas é capaz de gerar conseqüências psicológicas nos indivíduos que dividem o espaço das cidades:

A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto oposição à vida da pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. (Simmel, 1973, p. 12).

O Dr. Paulo Saldiva, médico patologista, professor da Faculdade de Medicina e diretor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo estuda os impactos da vida urbana na saúde das pessoas que vivem nas grandes cidades. O médico contrapõe os aspectos positivos oriundos da vida urbana, como a possibilidade de partilhar de um convívio social e o acesso ao trabalho, habitação, tecnologia, cultura e lazer, e sua contrapartida, a exposição da população aos problemas de saúde advindos dos riscos de se viver nos grandes aglomerados populacionais e suas consequências, tais como: doenças mentais, obesidade, contagiosidade, efeitos da poluição atmosférica no organismo, os traumas e dramas resultantes da violência urbana, entre outros.

Em síntese, as cidades são complexas, fascinantes e paradoxais. Cada vez mais, seres humanos procuram as cidades para ganhar a vida, para desenvolver o espírito, para exercer a sua inteligência criativa e, ao mesmo tempo, sofrem as consequências desse novo habitat. Tendo isso em vista, este é o momento oportuno para organizar as cidades tendo por base a saúde o bem-estar dos seus moradores (Saldiva, 2018, p. 18).

Compreender como transformar essa contraposição em um ciclo virtuoso, onde a saúde e o bem-estar da população se tornem uma meta é um dos objetivos das discussões que se encaminham para o tema da sustentabilidade no meio urbano. O desenvolvimento sustentável pode ser considerado como um dos maiores desafios do século XXI e conforme prognosticado por Leite e Awad (2012) o desenvolvimento urbano para se adequar às premissas da sustentabilidade precisa ser realizado de modo inteligente e inclusivo. Quando se trata de áreas metropolitanas, como é o caso de São Paulo, os autores defendem a ideia de que as cidades se reinventem. Assim, a preservação do meio ambiente, a criação e manutenção de áreas verdes e de espaços públicos de qualidade tornam-se fatores chave da sustentabilidade e para colaborar com a saúde das pessoas, principalmente nas grandes cidades.

3. METODOLOGIA

A pesquisa investiga as relações pessoa-ambiente utilizando-se do método de Avaliação Pós-Ocupação (APO) de um parque público a partir das experiências e percepções próprias na identificação e aferição das qualidades dos ambientes.

A investigação empregou uma ferramenta de avaliação consagrada nas práticas de APO, o Passeio *Walkthrough*, que é uma modalidade muito utilizada nas APOs e pode ser realizada por um grupo ou por um único pesquisador, neste caso é recomendável a

realização de dois percursos em sequência: o primeiro é realizado para anotar ou gravar em áudio os resultados das observações e o segundo percurso para fazer fotografias e/ou filmagens (Rheingantz, 2009).

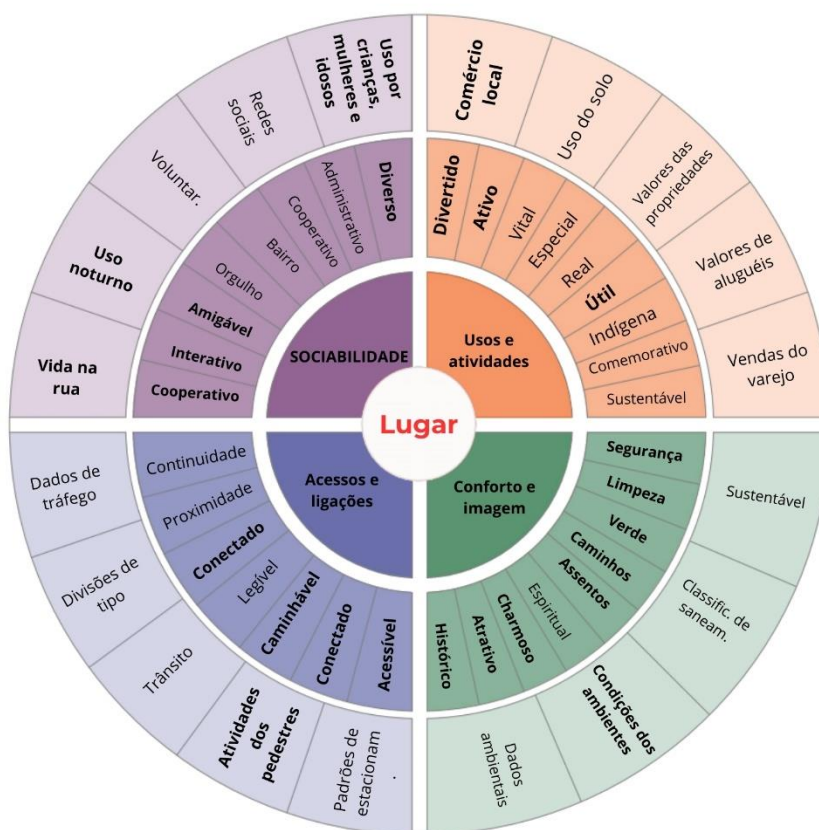
As categorias de análise selecionadas para o levantamento de dados, seguem os parâmetros propostos e adotados pelo *Project for Public Spaces – PPS*, que é uma organização sem fins lucrativos e interdisciplinar fundada em 1975 na cidade de Nova York, por um grupo de profissionais de diferentes áreas de atuação. O objetivo da organização é estimular a criação e a qualificação de espaços públicos a partir do projeto e planejamento realizado em parceria com a comunidade local, incentivando a população a participar dos espaços públicos comunitários (PPS, 2023).

Desde sua fundação, o PPS realizou uma extensa pesquisa com vários espaços públicos em diferentes lugares do mundo com o objetivo de mapear e identificar as principais características dos ambientes públicos e que podem ser considerados de sucesso. A partir dos resultados obtidos na pesquisa os dados foram agrupados em quatro Atributos Chave que podem ser utilizados na avaliação da qualidade de um espaço público: são eles: sociabilidade; usos e atividades; conforto e imagem (PPS, 2019). Os quatro Atributos chave foram subdivididos em duas categorias de critérios: os intangíveis e os mensuráveis.

Com base no Diagrama do Lugar foram selecionados os seguintes aspectos para a realização da avaliação e que estão destacados na Figura 3:

- Parâmetro – Acesso e Conexões:
 - ✓ Mensurável: atividades de pedestres;
 - ✓ Intangível: conectado; acessível.
- Parâmetro - Sociabilidade:
 - ✓ Mensurável: vida na rua; uso noturno; uso por mulheres, crianças e idosos;
 - ✓ Intangível: acolhedor; amigável; diverso.
- Parâmetro – Usos e Atividades:
 - ✓ Mensurável: comércio no local;
 - ✓ Intangível: divertido; ativo; útil.
- Parâmetro – Conforto e Imagem:
 - ✓ Mensurável: condições dos ambientes;
 - ✓ Intangível: limpeza; verde; caminhos; com assentos; charmoso; atrativo; histórico.

Figura 3: Diagrama do Lugar.



Fonte: Redesenhado a partir de PPS, 2019).

A partir da seleção das categorias de análise foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos para desenvolvimento da pesquisa: leitura crítica do referencial teórico previamente selecionado; levantamento de dados sobre o objeto de estudo, o parque Augusta, desde sua formação até sua consolidação; redesenho da planta do parque de acordo com o projeto atual; visita ao local para levantamento de dados e registro iconográfico através da modalidade *Walkthrough*; elaboração da prancha síntese das observações registradas na visita de campo; análise e cruzamento de dados obtidos no local com as aferições das categorias pré-selecionadas para avaliação pós-ocupação; discussão e análise dos resultados.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Para o desenvolvimento da Avaliação Pós Ocupação do Parque Augusta – Prefeito Bruno Covas, foi realizada uma visita para levantamento de dados local em um sábado, dia 29 de junho de 2024, entre 15:00 horas e 18:00 horas.

A aproximação ao local permitiu observar o primeiro parâmetro de avaliação, “Acesso e Conexões” do parque com o entorno imediato. O parque é bem servido por transporte público, com duas estações de metrô nas proximidades: a estação República e a estação Higienópolis-Mackenzie, ambas da Linha-4 Amarela, sendo esta última a estação mais próxima. Há pontos de ônibus na Rua Augusta, Rua Caio Prado e corredor de ônibus na Avenida Consolação, que também possui ciclovia.

Os acessos de pedestres acontecem por três faces do terreno, localizados na Rua Caio Prado, Rua Marques de Paranaguá e Rua Augusta. Esta distribuição de acessos promove uma boa integração com o entorno urbano, permitindo a entrada e saída por diferentes pontos estratégicos.

Segundo o PPS (2019) um espaço público saudável deve ser fácil de acessar e atravessar e deve ser permeável visualmente também, procurando integrar-se com as calçadas lindeiras ao seu perímetro. Quando o espaço necessitar de fechamento o PPS indica que seja feito através de uma combinação de limites cegos e limites ativos, pois as faces cegas restringem a visibilidade e a interação com o exterior, enquanto as fachadas ativas possibilitam maior interação com a área urbana adjacente.

No caso do Parque Augusta, uma das faces é totalmente cega, uma vez que limita o acesso físico e visual com a Pontifícia Universidade Católica em sua face Norte (Figura 4). A face leste, voltada para a Rua Marquês de Paranaguá e a face oeste voltada para a Rua Caio Prado, são fechadas por uma mureta de altura variável de aproximadamente 60 centímetros a um metro de altura, e acima disso, com um gradil de trama vertical até a altura aproximada de 2,50 metros, permitindo a integração visual interior e exterior (Figura 5). Já a face sul voltada para a Rua Augusta é integrada visualmente apenas na esquina com a Rua Marquês de Paranaguá, mas totalmente vedada por um muro de aproximadamente 2,00 metros de altura em quase toda a extensão.

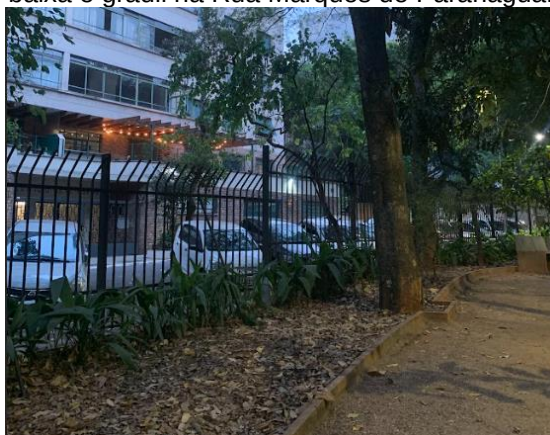
Para a verificação dos acessos e das conexões do parque com o entorno, deu-se início ao desenvolvimento do percurso *Walkthrough*, para registro dos demais parâmetros de análise: “Sociabilidade”, “Usos e Atividades” e “Conforto e Imagem”. Foram realizados 3 percursos diferentes, procurando abranger a totalidade dos caminhos para pedestres do parque, conforme indicados na Figura 3.

Figura 4: Vista do muro de divisa cego na porção norte do parque.



Fonte: Acervo da autora, 2024.

Figura 5: Vista do fechamento em mureta baixa e gradil na Rua Marquês de Paranaguá.



Fonte: Acervo da autora, 2024.

Dentro do parâmetro “Acesso e Conexões”, do ponto de vista do aspecto da acessibilidade, observou-se que é limitada às áreas que foram projetadas recentemente, ou seja nas áreas dos novos percursos traçados que foram projetados dentro das normas de acessibilidade (Percurso 1 indicado em vermelho e Percurso 3 indicado em azul na Figura 6). Nas partes mais antigas do parque, a falta de infraestrutura adequada impede o acesso pleno de idosos, crianças e portadores de necessidades especiais (Percurso 2 indicado em laranja na Figura 6).

Figura 6 – Os três percursos *Walkthrough*, realizados dentro do Parque Augusta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.



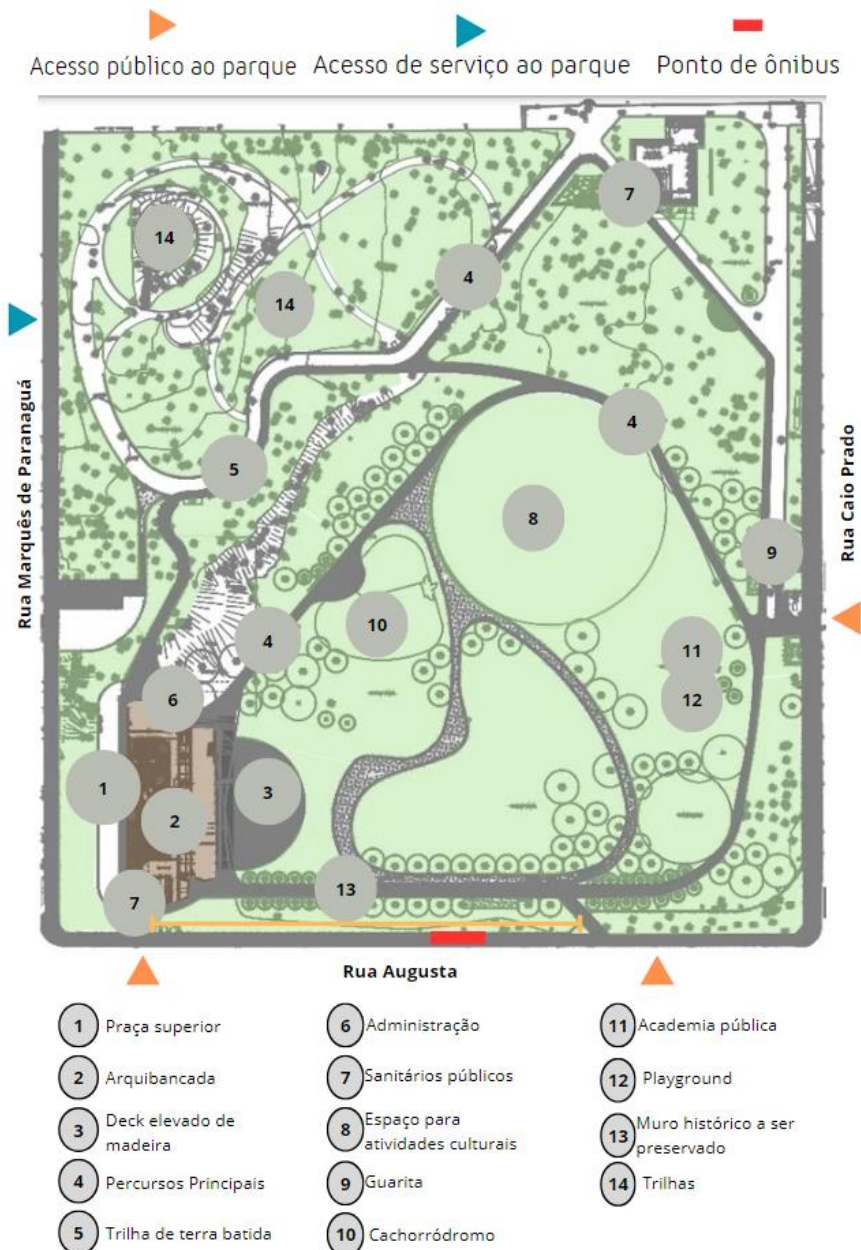
O parâmetro “Sociabilidade” está relacionado com a intensidade de uso dos ambientes e espaços do parque, a utilização no período noturno e a diversidade do perfil de usuários. Sociabilidade é um dos mais importantes fatores de um bom espaço público e talvez o mais difícil de alcançar, mas quando isso acontece as chances de sucesso deste espaço são muito altas. Quando as pessoas encontram seus amigos, conversam com seus vizinhos ou se sentem confortáveis para interagir com pessoas desconhecidas, há uma forte sensação de pertencimento e de comunidade - e isso é uma das melhores qualidades de um espaço público acessível e democrático (Project, 2019).

Na visita observou-se que há no parque a presença de uma diversidade significativa de faixas etárias, com a presença notável de adultos, jovens e crianças em todo o espaço. Durante o passeio *Walkthrough*, verificou-se que o parque permaneceu em constante atividade ao longo de todo o período da visita.

O parâmetro “Usos e Atividades” está relacionado com a vitalidade do espaço público, valorizando os aspectos que associam a utilidade com o divertimento. Os frequentadores do Parque Augusta utilizam o espaço para diversos fins, incluindo encontros entre amigos, prática de exercícios físicos, passeios com animais de estimação e momentos de lazer em família. Não há presença de comércio dentro do perímetro do parque, mas é permitido que se façam pequiniques tanto na área gramada, quanto nas arquibancadas.

Os ambientes que abrigam diferentes usos no parque é composto por: arquibancada com assentos em madeira; piso em deck de madeira elevado, que pode servir como palco para pequenas apresentações; trilha com piso de terra batida; edifício administrativo; sanitários públicos; espaço para atividades ambientais e culturais; guarita e sala para informações turísticas na portaria da Rua Caio Prado; cachorródromo; academia ao ar livre com equipamentos principalmente para o público da terceira idade, mas acessível aos adultos em geral; redário; parquinho para crianças; espaço para manejo e bosque na porção norte do parque (Figura 6).

Figura 6 – Mapa dos ambientes e usos do Parque Augusta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O parâmetro “Conforto e Imagem”, abrange as questões relacionadas com as condições físicas e a segurança dos ambientes dos espaços públicos. No quesito da segurança pode-se observar que há a presença de funcionários que percorrem o parque em diferentes turnos e áreas o que contribui significativamente para a sensação de segurança dos visitantes, o que incentiva o seu uso para permanência ou para fruição pública, como passagem entre as três ruas de acesso (Figura 7).

O parque é totalmente percorrível, graças a uma rede de caminhos que interliga todas as suas áreas. Esta infraestrutura permite que os visitantes explorem o parque em sua

totalidade, e durante todo o percurso é possível observar pontos de água potável para visitantes e animais.

Além disso, mesmo com a alta rotatividade de visitantes, a presença constante de equipes de limpeza garante que o parque permaneça limpo e acolhedor, refletindo uma gestão eficiente dos resíduos e da manutenção das áreas comuns.

O parque também apresenta locais para descanso no gramado, arquibancada e em mobiliários com assentos distribuídos pelos ambientes (Figuras 7 e 8).

Figura 7: Funcionário da segurança fazendo a ronda pelo parque.



Fonte: Acervo da autora, 2024

Figura 8: Mobiliário com assento para permanência e descanso dos usuários



Fonte: Acervo da autora, 2024

Os resultados obtidos no levantamento dos aspectos pré-selecionados segundo os parâmetros do *Project for Public Spaces* – PPS (2019) demonstram que os aspectos positivos predominam significativamente na avaliação. As exceções foram encontradas apenas em três quesitos: comércio no local, pois não há ponto de venda fixo ou móvel dentro do parque, que permitisse a compra de alimentos e bebidas, por exemplo; e aspectos parcialmente contemplados, como no quesito conexão com o entorno, que em termos de integração visual fica prejudicado na face sul voltada para a Rua Augusta, que manteve o muro original do antigo colégio; e no caso da acessibilidade, pois a trilha que percorre a área preservada do bosque original, não é acessível a todos, em função da impossibilidade de alteração do seu percurso original. Os resultados finais podem ser observados no Quadro 1:

Parâmetros	Mensurável		Intangível	
Acesso e Conexões:	Ativ.de pedestres	Sim	Conectado	Parc.
			Acessível	Parc.
Sociabilidade:	Vida na rua	Sim	Acolhedor	Sim
	Uso Noturno	Sim	Amigável	Sim
	Uso faixas etárias	Sim	Diverso	Sim
Usos e Atividades:	Comércio no local	Não	Divertido	Sim
			Ativo	Sim
			Útil	Sim
Conforto e Imagem:	Cond.dos ambientes	Sim	Limpeza	Sim
			Verde	Sim
			Caminhos	Sim
			Assentos	Sim
			Charmoso	Sim
			Atrativo	Sim
			Histórico	Sim

Quadro 1 – Resultado das observações realizadas no Parque Augusta.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise dos resultados do levantamento realizado no local revelaram que o Parque Augusta desempenha um papel significativo na qualidade de vida da comunidade local, proporcionando um espaço de lazer, convívio social e contato com a natureza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inauguração do Parque Augusta em 2021, representou um marco para os residentes e visitantes da região, proporcionando um local de escape e relaxamento em meio à agitação da cidade. Com características que promovem a interação social e o contato com a natureza, o Parque Rua Augusta se destaca como um valioso recurso para o bem-estar da comunidade.

Contudo, a pesquisa demonstra que a utilização de parques urbanos possibilita melhoras na qualidade de vida da população. Observa-se que os benefícios sociais, físicos e psicológicos são satisfatórios para a comunidade que os utiliza.

Estas ações devem aumentar a percepção positiva pela comunidade para que assim estes espaços públicos sejam efetivamente utilizados, possibilitando maiores níveis de atividade física e experiências psicológicas relevantes para a melhoria da saúde mental.

Em suma, a integração dos parques urbanos na rotina dos moradores promove um senso de comunidade e pertencimento, contribuindo para a coesão social. É fundamental que políticas públicas e iniciativas comunitárias continuem a investir na criação e manutenção desses espaços verdes, garantindo acessibilidade e segurança para todos os cidadãos.

Dessa forma, não só potencializamos os benefícios individuais, mas também fomentamos uma sociedade mais saudável e resiliente. Esses espaços representam uma ferramenta essencial para o bem-estar coletivo, e seu uso consciente e estratégico pode transformar a dinâmica das cidades, promovendo um ambiente urbano mais equilibrado e sustentável.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vinícius. **Entenda quais são as funções sociais e ambientais promovidas pelos parques urbanos.** 2024. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/jacana_tremembe/noticias/?p=139414#:~:text=Essas%C3%A1reas%20verdes%20promovem%20tanto,e%20da%20qualidade%20do%20ar

BRAVO, M. T. de; VERA, S. F. de. Consideraciones metodológicas: una operacionalización del concepto de calidad de vida, 1993. **Revista Geográfica Venezolana**. v.34, p. 43-53.

BRUNELLI, Camila. Saúde nas grandes cidades. **Viva Bem UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/saude-nas-grandes-cidades/#cover>. Acesso em: 15 set. 2023.

CAPORUSSO, D.; MATIAS, L. F. Áreas Verdes Urbanas: Avaliação e Proposta Conceitual. In: **Anais do Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo**. Rio Claro: Unesp. 2008.

CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J. C.; GUZZO, P.; ROCHA, Y. T. Proposição de Terminologia para o Verde Urbano. **Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, SBAU: Rio de Janeiro, v. 7, n.3, jul. /ago. /set.1999.

CONPRESP. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. **Resolução nº 23**, 14 de dezembro de 2004. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-da-cultuura-conpre-23-de-18-de-dezembro-de-2004/consolidado>. Acesso em: 08 mar. 2024.

GUIMARÃES, R.P. Ecopolítica em áreas urbanas: a dimensão dos Indicadores de Qualidade Ambiental. In: SOUZA (Org.). Qualidade de vida urbana. Série Debates Urbanos. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1984, p. 21-51.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana di Cesare Marques. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre, RS: Bookman,



2012.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência -Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais*, v. 1 n. 1, p. 125-139, jan/jun. 2005.

MAZZEI, K; COLESANTI, M. T. M.; SANTOS, D. G. Áreas Verdes Urbanas, Espaços Livres para o Lazer. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v.19, n.1, p.33-43, 2007.

MORERO, A.M.; SANTOS, R.F.; FIDALGO, E.C.C. Planejamento ambiental de áreas verdes: estudo de caso de Campinas-SP. **Revista do Instituto Florestal**. São Paulo, v.19, n.1, p. 19-30, jun. 2007

NAHAS, Maria Inês Pedrosa. Indicadores Intra-urbanos como instrumento de gestão da qualidade de vida urbana em grandes cidades: uma discussão teórico-metodológica. In: VITTE, Antonio Carlos; KEINERT, Tania Margarete Mezzomo (Orgs.). **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano**: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicada ao distrito de Santa Cecília (MSP). Curitiba: Edição do autor, 2008.

PALACETE, Colégio de Freiras, Estacionamento: a História do Parque Augusta, 2021. **A vida no centro**. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/cidades/historia-parque-augusta/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

PARQUE AUGUSTA – Prefeito Bruno Covas. Portal da Cidade de São Paulo, Secretaria do Verde e Meio Ambiente, 17 mar. 2023. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_centroeste/index.php?p=317881. Acesso em: 6 abr. 2023.

PPS - Project for Public Spaces. "Como avaliar a qualidade de um espaço público?", 16 Abr. 2019. **ArchDaily Brasil**. (Trad.: Libardoni, Vinicius). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/915132/como-avaliar-a-qualidade-de-um-espaco-publico>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PPS – Project for Public Spaces. Nova York, 2023. Disponível em: <https://www.pps.org/about>. Acesso em: 19 nov. 2023.

RHEINGANTZ, Paulo. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

SÃO PAULO (Município). **Lei nº 15.941**, de 23 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L15941.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2024.

SALDIVA, Paulo. **Vida Urbana e Saúde: os desafios dos habitantes das metrópoles**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

SANTOS, Cristiane. Paulo Saldiva: excesso de urbanização fez com que ficássemos mais doentes. **Viva Bem UOL**, 4 out. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/10/04/paulo-saldiva-excesso-de-urbanizacao-fez-com-que-ficassemos-mais-doentes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. Berlim: Zahar Editores, 1973. p. 11-25. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586067/mod_resource/content/1/SIMMEL%20Georg_A%20metropole%20e%20a%20vida%20mental.pdf.

VITTE, Antonio Carlos. Modernidade, Território e Sustentabilidade: Refletindo sobre qualidade de vida. In: VITTE, Antonio Carlos; KEINERT, Tania Margarete Mezzomo (Orgs.). **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Contatos: 31986651@mackenzista.com.br e luciana.oliveira@mackenzie.br